Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 716

20 DE NOVEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Passou o dia de S. Martinho sem maior novidade. Não consta dos registos policiaes que houvesse n'essa noite maior numero de freguezes nas esquadras.

Dia de S. Martinho já foi dia. A culpa é das castanhas, diziam elles no dia seguinte. Outros attribuiam-a ao ultimo copo. Bom é que sempre haja onde descarregar responsabilidades.

Ou porque os amadores diminuiram ou porque o vinho ainda não presta, noite e dia se passaram pacatamente, e nas ruas de Lisboa não andaram bebados cantando ou philosophando, conforme o vinho lhes dá para o lyrismo ou para a solução d'altos problemas.

Boas anecdotas houve dia de S. Martinho, e conhecido é o dito d'um dos maiores borrachões dos tempos modernos, que ainda, ha bem poucos annos, todas as noites, acordava o Rocio com seus monologos. Chegou o dia de S. Martinho e elle andava por excepção rarissima, serio e pacato.

— Hoje não bebes? perguntaram-lhe.

E elle muito digno:

— Não. Hoje é dia para curiosos.

A historia tornou-se tão conhecida, que a um bebado, que n'um outro anno se embebedara, extranhavam uns amigos que elle assim tivesse bebido em dia em que só curiosos bebem.

— Bem sei, respondeu. Mas vocês percebem... Na praça ha de andar sempre um artista de profissão... para coadjuvar.

E assim havia quem sempre bebesse e para quem tudo era motivo para beber.

N'um baile de mascaras, em terça-feira gorda, dizia um no salão de S. Carlos:

— Amanhã quaresma, tempo de penitencia. Toca a castigar o corpo. O corpo quer movimento?... Senta-se a gente. O corpo quer descanço?... Põe-se a gente a andar. O corpo quer frio?... Dá-se-lhe calor. O corpo quer calor?... Dá-se-lhe frio. O corpo pede agua?... Dá-se-lhe vinho. O corpo pede vinho?... Ora adeus! Isto não vai a matar... O corpo pede vinho, dá-se-lhe vinho!

Houve tempo em que os portuguezes comiam e bebiam, sabiam comer e beber.

Eram os frades... Não sei se é com justiça que a historia os trata; mas os frades n'esses assumptos deixaram de si eterna fama.

Conta-se que o Marquez de Pombal teve uma vez que dar um jantar ao D. Prior de Alcobaça.

Ora os frades de Alcobaça tinham fama de ser os maiores comilões do reino.

Dar um jantar ao D. Prior era portanto caso serio. Mas o Marquez de Pombal, como é sabido, não era homem sem expediente. Deixou-se de meias medidas e chamou o cosinheiro, que, ao receber a noticia, ia cahindo para o lado.

Dar um jantar ao D. Prior! Isso vinha a dar na mesma que fazer n'um mesmo dia sete jantares!

— Pois faze vinte e sete, respondeu o Marquez.

E para o bom do frade se fez um jantar que daria de comer por oito dias a um regimento. Arderam florestas nos fornos da cosinha e fez-se uma chaçina nunca vista em aves e quadrupedes.

O numero dos assados era á primeira vista interminavel.

O Marquez estava radiante. Ia embatucar o padre.

Era meio dia, quando se sentaram á mesa. O padre, comeu, comeu, até que chegaram os assados. O Marquez petiscava. O padre bisou tudo, com excepção de dois pratos de que comeu tres vezes.

Anoiteceu. O Marquez de Pombal mandou accender as luzes. Os criados estavam esfalfados de tanto subir e descer escadas.

CONSELHEIRO HENRIQUE DE BARROS GOMES — Fallecido em 15 do corrente

D. Prior continuava devorando.

— Mais uma aza? perguntava muito amavel o Marquez.

— E uma perninha.

Não havia maneira de empansinar aquelle enorme estomago!

A lista dos assados continuava: galinhas, perús, capões, carneiro, vacca, vitella, porco, leitões, perdizes, patos. Não acabava a procissão de chegar, nem o frade de comer.

O Marquez já não podia estar sentado. O relogio tocou um minuete e bateram oito horas.

Chegou finalmente o ultimo assado, um magnifico pavão com todas as pennas da cauda armadas em leque magnifico.

O frade arregalou o olho.

Só então o Marquez reparou que estava limpo, limpinho ainda, o copo do D. Prior.

— V. Reverencia não bebe? perguntou elle já pallido, meio desfallecido.

— Nada. Lá em Alcobaça temos por costume não beber senão do meio do jantar em deante.

Queria mais outro tanto!

O Marquez de Pombal cahiu da cadeira abaixo!

Mas se a raça dos bebedores parece, segundo estatisticas policiaes, ter diminuido consideravelmente, outro tanto não parece succeder aos comilões.

Cada vez se come mais, segundo resa a fama. Já não é nos conventos, mas é por outros lados. Já não toca o sino grosso chamando os irmãos para a mesa; um simples *pchtt!...* chama os compadres.

Os estomagos são cada vez maiores. E o symptoma da doença principal d'este fim de seculo é essa enorme dilatação.

Dinheiro! Dinheiro!

E se attentos lermos todos os telegrammas que nos veem do estrangeiro e que tratam das mais graves questões de politica internacional, veremos que o dinheiro está no principio ou no fim de todas ellas. Com elle venceram os americanos, por elle hão de vencer os inglezes. Porque já o tinham, os yankees se lançaram na guerra; porque mais querem, os inglezes para guerras se preparam.

E só em dinheiro e guerras, em ponto grande ou pequeno, se conversa agora. Em milhares de libras e em couraçados, quando se trata da guerra universal; em tostões e em meia duzia de tiros sem consequencia, quando se trata da eleição de Mertola.

E' que realmente deram que falar d'esta vez as eleições camararias em Portugal. Pena foi que a morte de dois desgraçados viesse dar uma nota triste a essas coplas de opera buffa.

Mas afinal como só os quintos actos é que dão o verdadeiro nome á peça, ainda não sabemos como classifical-a.

Ninguem sabe no drama que anda representando, em que alturas vai. Os actos são ás vezes mal medidos e quem deita o panno abaixo nunca é dos primeiros actores.

Felizmente, ainda ha, por vezes, quem, no meio da turba multa, que corre pressurosa, epileptica e clownica, ao chamado d'uma guisalhada d'oiro, levante por vezes os olhos para o oiro das estrellas ou dê um olhar saudoso ao canto d'uma paizagem querida.

Poetas e sonhadores por ahi andam ainda alguns perdidos.

A elles quero agradecer horas boas, que nos podem ser dadas pelos sonhos que nos communiquem.

Margaritas é o nome do ultimo volume de versos do sr. Ribeiro de Carvalho, que uma carta d'uma gentil senhora, distincta poetisa, apresenta aos leitores.

Pela mão da Sr.ª D. Albertina Paraizo entra o joven poeta no mundo das letras. A apresentante obrigava-o a dar-nos um livro sahido todo inteiro do coração, perfumado e simples.

E o livro é isso. Flores, cantos cristallinos, lumes de alvoradas.

D'elle, ao caso, extrahimos o seguinte soneto offerecido á Sr.ª D. Domilla de Carvalho.

NO CONVENTO

No remanso da cella, ás horas do sol posto,
Pobre freira de aspecto dolorido
Espraia pelo Azul esmaecido
Os olhos, num purissimo desgosto.

Ruborisa-lhe a pallidez do rosto
Um desejo febril, indefinido,
Recordando esse tempo decorrido
Lá pelas eiras, ao luar de agosto.

Ha no pombal uns beijos de noivado
Que lhe fazem no peito amargurado
Nascer o fogo d'um amor distante...

E ella pensa chorosa e commovida,
Emquanto pela mente enfebrecida
Lhe passa a imagem do perdido amante...

Como vêem, Ribeiro de Carvalho é, com os seus dezoito annos, um verdadeiro poeta, uma alma lyrica.

Desoito annos! Ainda não é tempo para ter saudades. Que são essas que ás vezes nos fazem alongar os olhos para o passado e nos fazem amar até as proprias coisas que antes de nós vieram.

Na decadencia em que vamos, faz bem ás almas respirar por vezes n'uma atmosphera de sonhos, mais cheia de luz e de calor. Recordar é reviver.

Na escuridão da noite pode a fantasia encandear-se com resplandores de auroras.

Por isso terminaremos agradecendo a Bento da França o ter, no ultimo numero do Occidente, ligado o nosso nome, por um offerecimento, ás paginas sentidas do seu romance.

Bento da França é um portuguez de lei. Honranos sobremaneira a conta em que mostra ter-nos como portuguez.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO BARROS GOMES

Depois de muitos dias de soffrimento cruel, encontrou finalmente descanço na morte o conselheiro Barros Gomes, que fôra um dos mais brilhantes ornamentos do partido progressista.

Foi na sua casa de Alcanhões, proximo de Santarem, que o illustre estadista, depois de uma prolongada agonia, falleceu, pelas sete horas da manhã do dia 15 do corrente.

Era um nome respeitavel. A perda d'este homem trabalhador, intelligente e cheio de convicções não deve ser apenas sentida pelo partido a que pertenceu, mas pelo paiz inteiro.

Quando o povo indignado pela brutalidade do *ultimatum* da Inglaterra em 11 de janeiro de 1890, fez a Barros Gomes, então ministro dos estrangeiros, uma manifestação hostil, conta-se que elle, cuja consciencia sentia tranquilla, embora magoado pela injustiça, bem dizia entretanto a colera popular, que bem percebia ser fructo espontaneo d'um sentimento nobilissimo.

Trabalhou muito, trabalhou sempre. No discurso que no cemiterio foi pronunciado pelo sr. Frederico Laranjo, affirmou este digno par do reino que o conselheiro Barros Gomts morrêra de fadiga de bem servir a patria.

Poucos haverão tido mais justo elogio funebre.

Em 1869 tomou pela primeira vez assento na camara dos deputados.

Poucos annos depois, em agosto de 1872 foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias, titulo que lhe foi conferido pelo valor da obra: *A Astronomia moderna e a questão das parallaxeas siderea*s.

Na camara tornou-se notavel pela forma por que entrou na discussão dos mais importantes problemas financeiros. Valeu-lhe o talento e o profundo conhecimento que revelou d'essas questões o ser chamado em 1873 para a direcção do Banco de Portugal e passados alguns annos, ser nomeado ministro dos negocios da fazenda no gabinete a que presidiu Anselmo Braamcamp, em 1879.

Desde então até que a morte o prostou, fez parte de quasi todos os gabinetes progressistas, gerindo differentes pastas.

Era ministro dos degocios estrangeiros em 1890, quando Portugal atravessou uma das mais terriveis crises politicas dos tempos modernos.

Então começaram os atrozes soffrimentos do homem a cuja honradez todos fazem hoje inteira justiça e cuja morte deplora o paiz inteiro.

O conselheiro Barros Gomes foi socio da Academia Real das Sciencias, director e depois vice-governador do Banco de Portugal, vereador do peloiro da fazenda do municipio de Lisboa em 1874, procurador á Junta Geral do Districto em 1878, par do reino, secretario e depois presidente da Associação Commercial, presidente da commissão central da Sociedade de Geographia e da commissão africana.

Em todos estes diversos cargos demonstrou sempre profundo conhecimento dos diversos assumptos, e notaveis fôram muitos dos seus relatorios e pareceres.

Era um escriptor distincto. Deixa muitos artigos notaveis espalhados por differentes jornaes e algumas obras de valor, taes como *Uma digressão a Constantinopla* e um livro *Convicções*, reunião de varios artigos cheios de uncção religiosa publicados no *Correio Nacional*.

Mas como homem de lettras a sua melhor obra é seguramente o prefacio que escreveu para o livro incompleto de Oliveira Martins *O Principe Perfeito*.

D'aqui se vê como foi justo com a memoria do illustre estadista o seu correligionario e companheiro de trabalhos, sr. Frederico Laranjo.

Barros Gomes trabalhou muito e trabalhou sempre. Uma crença profunda animou o no arduo caminho encetado, que sempre percorreu com honra.

FRANCISCO LIBERATO TELLES DE CASTRO DA SILVA

Auctor do novo livro *Pintura Simples*

É um illustrado funccionario das obras publicas, conductor de 1.ª classe do quadro auxiliar do corpo de engenheria civil sr. Francisco Liberato Telles de Castro da Silva, aquelle de quem estampamos o retrato na nossa pagina 260; prestando assim homenagem a um cavalheiro muito apreciavel pelos seus dotes de technico, de artista e de erudito, tres qualidades que reunidas formam um caracter deveras distincto.

Como technico tem publicado varios estudos interessantes sobre diversas especialidades do seu conhecimento. Data de 1878 o seu primeiro livro intitulado *Guia do empreiteiro*, pequeno volume contendo formulas, tabellas, indicação de processos de construcção, traçados de estradas, series de preços, etc; a clareza com que está escripto e a maneira por que o assumpto está tratado tornam este livro muito util e efficaz aos empreiteros, mormente os de estradas.

Embora iniciada assim, por um livrinho de valor, a serie dos seus estudos, Liberato Telles só dezoito annos depois publicou o novo trabalho intitulado *Duas palavras sobre pavimentos*, que é um tratado completo sobre processos antigos e modernos usados no revestimento dos pavimentos, e no qual sob a forma de livro o auctor publicou os seus preciosos apontamentos profissionaes, enriquecendo-os de curiosas notas historicas.

No anno passado sahiram do prélo a primeira e segunda edição do primeiro estudo sobre *Construcção Civil* intitulado *Arte de Dourar*, collecção de processos, enriquecida de varias notas interessantes ácerca de alguns artistas douradores portuguezes.

Agora, no corrente anno, opulentou o sr. Liberato Telles a nossa bibliographia technica, industrial e artistica com uma obra de grande tomo e importancia, á qual a imprensa do paiz se tem referido lisongeiramente e que, fazendo parte da serie *A decoração na construcção civil*, se intitula *Pintura simples*, epigraphe modesta que occulta um riquissimo peculio de processos artisticos de factura pictural. Adorna-o egualmente um interessante esboço historico da pintura, em que se definem as épocas, tratando dos pintores mais notaveis de cada uma d'ellas, das differentes escólas e dos seus caracteristicos, terminando com alguns traços biographicos dos principaes pintores portuguezes. O texto principal da obra é assaz substancioso e util, pois trata detidamente das tintas, technica dos tons, dos oleos, das essencias, dos secantes, das gommas, das massas, das collas e dos vernizes usados na construcção civil, no interior e no exterior; segue-se a enumeração dos differentes generos de pintura e a reproducção dos variadissimos processos e termina por um album artisticamente lithographado a côres com amostras das madeiras e marmores mais usualmente imitados.

Se a par d'estas obras publicadas e que tanto honram o seu auctor e abonam as suas faculdades de technico e tratadista nas especialidades, nós quizessemos tambem referirmo-nos ás muitas obras de construcção civil que tem dirigido, muito teriamos a dizer, pois se lhe deve a cuidada e intelligente direcção de trabalhos importantes, taes como a transformação do velho pardieiro de Arroyos n'um hospital digno de visita; o alteamento do tecto da sala da Junta Consultiva de

Obras Publicas, trabalho em que se levantaram as asnas sem tocar no madeiramento; os grandes melhoramentos feitos no Lazareto, obras que dirigiu com notavel proficiencia, merecendo os mais decididos louvores do engenheiro Cecilio da Costa.

Mas a obra que lhe foi querida por excellencia é a do acabamento interno do edificio da Madre de Deus, em Xabregas, onde o seu bom gosto e são criterio soube multiplicar-se em carinhosos cuidados, formando d'aquelle historico edificio, verdadeiro escrinio de preciosidades, um incomparavel museu de antigos azulejos portuguezes alli sabiamente collocados, obedecendo a methodica e artistica distribuição. Ainda por ultimo são obra de direcção sua aquellas enormes abobadas que se estão fazendo no quartel dos marinheiros em Alcantara para sobre ellas assentar a respectiva parada.

Seria na verdade fastidioso querer deixar aqui uma mais longa enumeração das obras em que a actividade d'este distincto constructor se tem evidenciado, porque essa lista ficaria sempre muito longe da verdade.

Fallando assim um pouco pormenorisadamente dos trabalhos de Liberato Telles, não quizemos de modo algum eximir-nos a fallar da vida do homem, accrescendo que o nosso periodico sempre prestou especial cuidado ás biographias dos seus retratados.

Assim, sabemos que Liberato Telles é natural de Cacilhas, onde viu a luz do dia em 21 de janeiro de 1843. Seus paes, Francisco Liberato da Silva, que foi 2.º commandante da guarda municipal, e D. Mauricia Telles de Castro da Silva, destinaram-o á carreira militar, onde a sua familia conta nomes illustres, frequentando para isso o Collegio Militar, cujo curso não completou, attrahido por outros estudos, como a economia politica, destinando-se á carreira diplomatica.

Pela morte do conde do Lavradio, que promettera protegel-o na nova carreira, teve Liberato Telles que voltar para outros assumptos a sua actividade intelligente, trabalhando nas obras da fortificação de Lisboa e iniciando os seus estudos topographicos, alcançando em 1863 o logar de aspirante a conductor, sendo collocado no districto de Santarem, onde em trabalhos importantes se conservou até 21 de dezembro de 1877, em que foi transferido para a direcção das obras publicas do districto de Lisboa.

Desde então para cá, Liberato Telles nunca deixou de affirmar os seus dotes de conductor illustrado, merecendo de mais em mais o desvanecedor apreço que todos que o conhecem lhe tributam e ao qual nós juntamos tambem o nosso quinhão.

EGYPTO — MARGENS DO NILO

O conflicto franco-inglez, ou como mais vulgarmente se diz: a questão de Fashoda, attingiu, com o recente discurso de lord Salisbury, no banquete de Guildhall, a mais perfeita conciliação; desfecho assás consolador para todos aquelles que anhelam pela paz universal.

Mas infelizmente ás phrases pacificas do primeiro ministro de Inglaterra, respondem os assustadores preparativos de uma ameaça longinqua; e nos arsenaes francezes e inglezes trabalha-se activamente em aprestos bellicosos.

Serão inuteis esses preparativos? Oxalá! mas não nos entreguemos a incondicional regosijo pelas vantagens adquiridas.

A expedição franceza ao alto Nilo, commandada pelo capitão Marchand foi a causa d'este conflicto, que teve por pomo de discordia a região de Fashoda, no Egypto. Todos sabem como a Inglaterra é ciosa da sua soberania alli pelo protectorado egypcio; não causou, pois, surpreza o incidente e bem merece louvar-se a reconsideração franceza, com a qual ganhou a republica mais do que qualquer outra das potencias interessadas.

Registando este estado de tranquillidade que a questão adquiriu, verdadeira crise apathica, que de certo precederá uma franca e segura paz, O Occidente apresenta aos seus leitores uma vista das margens do Nilo, esse mysterioso fertilizador da uberrima região africana, antiquissimo berço da infancia das civilisações orientaes.

Assumpto de importantes estudos de sabios de todo o mundo, inglezes e francezes illustres teem percorrido este paiz, arrancando aos vestigios do passado o segredo da sua historia, das suas inundações, dos seus hyeroglyphicos. Nenhuma região melhor tem despertado a curiosidade dos investigadores e dos archeologos. Os exploradores e os geographos mais notaveis dedicam-lhe as suas variadas aptidões e hoje o estudo das suas tradições, da sua arte, litteratura, sciencias praticas, como a agrimensura, agricultura, etc., estão estudadas á saciedade.

Mas aos interesses da sciencia sobrelevam os do commercio, os da politica e da diplomacia, realçados pelo egoismo dos poderosos, e assim o Egypto é pomo appetecido que uma vez seguro custa a largar. Não nos compete apreciar a legitimidade das pretenções de uns ou outros e registando o incidente levantado entre as duas grandes nações, buscamos não falsear o nosso papel de revista do extrangeiro, ainda que modesto e desapaixonado.

ILHA DA MADEIRA — A PENHA DA AGUIA

Quem percorrer as paginas do Occidente encontrará muitas gravuras e noticias respeitantes á ilha da Madeira, o que, n'esta occasião, nos forra a darmos mais desenvolvida noticia sobre esta preciosa joia do Atlantico.

Variadissima é a paizagem que ali se descobre, imponentes as suas montanhas. Se percorremos a costa é magestoso o espectaculo que se apresenta aos nossos olhos!

A rocha cortada a prumo eleva-se sobre as aguas como vultos giganteos que abrigam as povoaçõesinhas que vivem a seus pés, como na *Penha da Aguia*, que faz o assumpto da nossa gravura.

A montanha que tem aquella denominação encontra-se a leste da Ponta de S. Lourenço, na Villa do Porto da Cruz.

PELA ALDEIA

ATRAIÇOADA!

(Aos Carlos Amaro e Achilles G. Beja)

— Olá, Thomé! Vá p'ra riba, rapaz. O sol vae nado e tu ainda aqui!... Diabos te levem, mafarrico, que és os meus peccados! Ora não ha!...

— Já vou ti'Anna.

E o rapaz, cambaleando, punha-se a pé e esfregava os olhos ainda estremunhados do somno. Mentalmente resmungava:

— Diabos te levem, velha do inferno! Sonhava agora c'ó a Maria...

Do curral chegavam até ali os balidos das ovelhas e um tilintar desharmonico de campainhas e chocalhos.

— O gado está impaciente. Tem fome, coitadinho! Toma lá o bornal e o cajado. És um esquecido. Já te não lembrava o sitio onde os puzestes hontem!... Valha-te o demo, cabeça doida!...

— Pois olhe, não tem razão. Se visse as barrigas que elles traziam... Nada, que eu procuro sempre bons pastos!... Não é por me gavar ó ti'Anna, mas olhe que nenhum d'ahi tem gado tão gordo como o nosso!...

— Pois sim, sim. Vê se te avias. Ainda te parece cedo?...

— Bem vamos lá. Não se zangue...

E dobrava a manta que punha ás costas.

— Guarde-a Deus, ti'Anna. Até logo.

E p'ra o cão que jazia refestelado no chão, focinho estendido, apoiado sobre as patas:

— Anda, *Valente!*

A ti'Anna, uma velhota sympathica, de cabellos brancos como estrigas de linho, annelados, dispostos em bandós sobre a fronte, com muitos pés de gallinha a emoldurarem-lhe os olhos azulados, enrugava a testa de zangada, a principiar a lida da casa, resmungando phrazes pouco encomiasticas para o zêlo trabalhador do Thomé.

Este, entretanto, já fizera sahir todo o rebanho e puzera-se a caminho da pastagem. Era ainda muito cedo.

Das casas da aldeia evolava-se um mysterioso não sei quê de silencio adormecido.

O cão caracoleava em frente do Thomé a brincar com as ovelhas, que lhe retribuiam com brandas marradas ou com saltitos leves. Sahiram por fim da aldeia, passaram a azenha do Manél da Velha e foram pela vereda, ao longo da levada cheia de curvas e quasi a botar fora.

O rapaz trincava n'um bocado de broa, não se esquecendo comtudo de fazer andar alguma ovelha mais gulosa ou descuidada, que se deixara ficar para traz a morder na erva cuja côr verdosa lhe aguçara o apetite.

Agora o sol vermelho, mostrando-se já quasi em toda a sua plenitude, punha uns claros luminosos nas cumiadas das serras não mui distantes. E as mimosas flôres campestres, a quem o frio da noite e os beijos do orvalho haviam feito curvar na haste, erguiam-se sorridentes ao sentirem o contacto dos seus affagos mornos. A agua da levada parecia uma cobra monstro, de prata, interminavel. As nuvens perderam a côr escura; tornam-se rosadas, d'um amarello claro, e por fim brancas, d'uma alvura de neve.

— Eh lá, *Valente!*... Paramos aqui.

E o Thomé, tirando da algibeira do casaco — se casaco se podia chamar ao conjuncto de remendos variegados que lhe cobria a camisa de riscado — um pifano de sabugueiro, orificiôs feitos a arame queimado, começou a tocar n'elle umas suaves melodias, ora alegres, ora melancholicas, inspiradas talvez pelas bellezas do campo que o rodeava.

Tinha um não sei quê de musico este rapaz. Quem sabe se a educação faria d'elle um grande maestro!... Tocava com sentimento, dizia-o a profunda attenção que ligava áquellas notas bastantemente afinadas. De vez em quando voltava-se a olhar para baixo na direcção da levada.

O gado pascentava em volta, mansamente; e o rafeiro, com o olhar attento, espreitava-lhe os mais pequenos movimentos. — Bello guarda o *Valente!* — E se alguma ovelha se afastava, elle lá ia a fazel-a voltar...

Mas ao longe avistava-se uma mancha negra, salpicada de branco e como que andando. Era a Maria e o seu rebanho.

O rosto do rapaz alegreu-se extraordinariamente e tocou com mais força a musica d'uma canção que andava em voga: — *A Pastorinha*.

....

Pastorinha, meu amor,
quando te vejo, me agrado,
casta filha do Senhor,
tenra florinha do prado!...

Os teus olhos são dois olhos
que roubar procuro em vão,
p'ra me livrar dos escolhos
do mar do meu coração!...

Pastorinha, côr morena
tinge o teu rosto formoso...
Que eu toque na minha arena
permitte, ó gentil morena,
em toque brando e mimoso,
a graça das tuas graças,
por mais que d'ellas desfaças!

....

O cão soltou uns grunhidos de prazer e levantou-se, agitando muito a cauda.

— Tambem estás contente, meu velho!... Vem ahi a nossa amiga! .. Eh Maria, salve-te Deus, home!... Hoje tardaste, an?...

— Salve-te Deus, Thomé! Demorei-me. Fui levar o leite á menina Joaquina, sabes, a filha do alvêtar. A mãe está doente, o pae foi á cedade e eu tive d'ir... Quieto *Valente!* Vae fallar á tua conversada, anda.

Os rebanhos fraternisaram, n'uma promiscuidade amorosa, e o rafeiro foi cumprimentar a cadellita da Maria.

— Então hoje ficamos aqui?

— Não, estava á tua espera. Com as chuvas e levada engrossou, mas podemos passar ali em baixo.. Vamos.

Puzeram-se a caminho. A Maria fazia meia.

— Olha, não sabes? Sonhei esta noite comtigo.

— Serio, oh Thomé? Conta lá... Eu prégunto depois á mãe do Zé Braz, que ella sabe adivinhar os sonhos.. a ver se traz coisa boa ou má.

— Ella sabe lá! Bem acredito eu n'essas indrominas!

E muito convencido:

— Oh q'chopa, são intrujices! O sôr padre é que diz bem!

— Não é tanto assim, home! Vê lá tu a Ambrosia.. Sonhou que via o marido á morte, que ficava viuva, e elle fugiu-lhe com a outra. Tanto monta que morresse! E ella agora, coitadinha, chora, que até mette dó!

— É verdade! Qualquer dia dá para ahi um estoiro que nem uma cigarra! Pois olha que o não merecia... Sempre ha homes? E foge então c'o a outra que parece um gato esfollado! ..

E batendo com o pau no chão:

— Raios me partam se eu fazia aquillo!... Assim Deus me salve em como não fazia!...

A Maria, satisfeita, deitou-lhe um olhar de reconhecimento e continuou:

— A Ignacia do Antoino, sabes, tambem não acreditava n'estas bruxarias como ella lhe chamava, mas um dia sonhou que as marrãs lhe estavam a comer o filho e elle d'ahi a pouco morria, o pobre anjinho, sem se saber de quê!...

— São lampanices, são lampanices! Tinha de ser. Quem sabe agora o que está para vir!... Só o que está lá em cima e esse ás vezes, talvez...

— Cala-te ahi! Tu tambem não acreditas em coisa nenhuma!...

—Estava bem arranjado!...

De repente a Maria atirou um grito:

— Que é aquillo?...

As agulhas e a meia cahiram-lhe das mãos e ficou-se pregada ao chão, estarrecida, a olhar sem vista, que lh'a roubara o pavor.

— O que? — perguntou o Thomé.

Percebeu, porém, pela attitude d'ella, que se tratava da levada e debruçou-se. Em baixo via se o corpo d'uma mulher, estendido sob as aguas. O rosto transmudou-se-lhe e balbuciou:

— A Maria do hortelão! Coitadinha!...

*

O Thomé dizia bem. Era a Maria do hortelão, a Maria Sá, a conversada do Morgado.

Mal sabiam as duas creanças, ao deparar-se-lhes aquelle espectaculo, que ante os seus olhos estava a conclusão d uma tragedia que dentro em pouco, ao saber-se, devia alarmar toda a povoação, de ordinario cheia da monotonia da vida placida, sem casos accidentaes.

Era uma bonita rapariga a Maria do hortelão. O rosto genuinamente portuguez, moreno e bem talhado; o corpo bem feito, de carnação sadia, uberrima de seiva, lembrava a mãe quando tinha uns vinte e dois annos, pouco mais ou menos.

FRANCISCO LIBERATO TELLES DE CASTRO DA SILVA

Auctor do Livro «Pintura Simples»

Chamava-se Luiza, a mãe. Educada em Lisboa, adquirira um certo amor pelo luxo, junto a um grande desdem por tudo quanto lhe cheirava a rusticidade. Sahira da aldeia muito creança, para ir para casa da madrinha, uma senhora fidalga, já velha e sem familia, pois que o ultimo dos parentes lhe morrera na guerra, em defeza dos direitos do sr. D. Miguel. Costumava esta senhora ir passar todos os verões a uma quinta que possuia perto da casa dos paes de Luiza. Ao vêr a desenvoltura gaiata da afilhada, risonha e gordita, e lembrando-se talvez de que ella poderia ter sido sua filha, se o não fosse d'outrem, affeiçoou-se-lhe e levou-a para casa. Solteirona, sem nunca ter encontrado alguem a quem dedicar toda a affeição de que a sua alma era susceptivel, fez d'ella o objecto de todos os seus cuidados, encarnou-se a valer no seu papel de mãe adoptiva, prodigalisando-lhe todos os carinhos, e morreu deixando-lhe uma educação muito razoavel no tocante a illustração, e ainda como herança a quinta onde a conhecera.

A Luiza voltou a casa dos paes: physicamente — uma belleza; interesseiramente — um partidão.

Não faltaram logo a arrastarem-lhe a aza os melhores rapazes do sitio, mas a Luiza nem d'elles dava fé. A morte da madrinha fôra-lhe um golpe cruel; o deixar a capital outro talvez não menor. Presa de uma melancholia constante passava os dias fechada no seu quarto, quasi sem dar um passo, n'uma apathia enervante, aniquilladora. Os pretendentes desilludidos retiravam se, rugindo insultos e ameaças brutaes.

Com o tempo tudo passa, e o tempo percorria sereno e imperturbavel a sua carreira — ora tristonho e macambuzio das invernias, óra alegre, com lufadas de sol quente d'outoniças primaveras — a desimpedir-lhe o espirito das tortuosas brenhas que o ensombravam de tedio.

Um dia um rapazola novo, de bom trajar, montado n'um soberbo cavallo, luxuosa e costosa-

EGYPTO. — MARGENS DO NILO

mente ajaezado, passou por ali. Viu a moça e ficou perdido d'amores. A Luiza ao vêl-o sentiu-se tambem como que attrahida, notou o sobresalto do mancebo, mas conservou-se á janella, fingindo-se abysmada na contemplação do céu azul, cortado a espaços pelo vôo das irrequietas andorinhas.

ILHA DA MADEIRA — A Penha da Aguia

Bastas vezes o cavalleiro passou pela sua frente, outras tantas tentou cortejal-a; ella, porém, esquivava-se, deixando adivinhar n'um coquettismo cruel, que o terreno da sua alma fôra arroteado pelo arado da civilisação.

Para encurtar pormenores, direi: dentro de seis mezes entendiam se ás mil maravilhas e dentro de outros tantos ella era mãe.

Porventura a formosura mascula do rapaz, promessas de casamento, juras de infinito amor ou o despertar da sua casualidade desvairada de temperamento sensualão, lhe tinham em tão pouco tempo destruido a affectada reluctancia e entregado apressada nos braços do adventicio fidalgote?...

Que o leitor se explique, se puder, estes phenomenos da feminilidade caprichosa; — eu o não sei fazer.

Correu a noticia d'esta maternidade por toda a aldeia, com a rapidez propria das terras pequenas, onde a besbelhotice impera, e o namorado feliz, que só então reparou nas responsabilidades que d'abi lhe adivinham, ao ouvir o côro apimentado das murmurações dos soalheiros, desappareceu, cuidando das costellas e deixando a pobre Luiza debater-se na infamia em que cahira, complicada com os doestos e quasi maldições da familia que deshonrara. A cobardia do amante, fugindo á rehabilitação que lhe devia indignou-a, mas recalcando no fundo do coração o desejo de vingança que a torturava, dedicou toda a sua vida, que foi breve, ao trato da pobre creancinha innocente, que apezar de tudo era sua filha. Pouco tempo depois casava com um camponio — o Antonio hortelão — que pouco escrupuloso talvez e com mira no interesse, se dignou perfilhar a creança, dando-lhe assim um apelido que não tinha.

Eis em poucas palavras como veio ao mundo e porque depois se chamou Maria do hortelão a heroina do nosso pequeno conto, essa que o Tho-

mé e a sua companheira, com os olhos esgazeados, infundidos de pavor viram lá em baixo estendida na inercia da morte, sob as aguas da levada.

*

Foi n'um domingo e dia de festa na aldeia, que principiaram as relações amorosas entre o morgado e a Mariquitas.

Era uma bella tarde de maio, esse mez privilegiado em que a temperatura é moderada, o ceu mais puro, os campos sorriem e a vegetação ostenta toda a belleza das suas formas e o perfume suave da sua complexa respiração. As arvores vestem-se de folhas, as plantas crescem e desenvolvem-se, as flôres desabrocham, abrem os botões mimosos e mostram-nos toda a formosura e delicadeza das suas petalas aveludadas. E os passaros, traquinas incorrigiveis, saltitando de ramo em ramo, gorgeiam admiravelmente a saudar a primavera que surgiu.

Os rapazes e raparigas, com os seus trajes domingueiros, de tons alegres e pittorescos demonstravam em danças e descantes, acompanhados á guitarra e harmonio toda a alegria de que se achavam possuidos.

Elle era o fandango, sapateado, agil e nervoso, mescla do nosso fado e a galante musicata hespanhola, que faz tremer os jaquetões no meneiar dos quadris, em pulinhos breves, curvaturas de pernas e trocas de biqueiras; o *ladrão novo*, o *verde-gaio*, o *bailarico* e tantas outras danças, producto da poetica imaginação popular campesina, tão genuinamente portugueza, sem importação.

E no meio de toda esta movimentação que botam-se piadas ao cantar ao desafio, ama-se, forjam-se casamentos e muitas vezes fermentam-se ciumes e rancores, que depois, pelo calado da noite, no escuro, desandam em grossa pancadaria, de que sahem cabeças partidas, braços quebrados, quando não perde a vida algum pobre diabo que quasi sempre é o menos culpado se é que não foi ali apenas com o intuito de apaziguar os contendores.

Tem tanto de poeta como de selvagem, de meigo como de brusco, de delicado como de bruto, o nosso camponio.

E esse mixto ha-de existir n'elle, crêmol-o, emquanto a verdadeira civilisação não penetrar (o que tarde succederá, infelizmente) os seus cerebros acanhados e ignorantes, mercê do nosso pobre meio rotineiro e das sabias disposições dos governos que tanto difficultam a instrucção.

Era dia de festa, como dissemos.

O adro achava-se ornado com arcados de buxo e bandeiras vistosas, tendo ao centro um mastro enfeitado com murta, matizado com fitas e flôres do campo. Era em volta d'este mastro, n'um espaço para esse fim arranjado, que se mechiam os pares, em competencia, pois que havia um premio para o que melhor dançasse.

Sentada n'um dos degraus que conduziam á portada da egreja, um pouco isolada da familia achava-se a Mariquitas Sá. Sem fazer o mais pequeno movimento, com a cabeça baixa e parecendo não ouvir o ruido que tão perto de si se fazia, dir-se-hia absorta em profundos pensamentos. De vez em quando sahiam-lhe do peito uns mal abafados suspiros.

As outras raparigas ao vêl-a tão mona, já tinham ido perguntar-lhe porque não ia brincar — se estava doente? Respondeu-lhes que nada tinha; que a deixassem só e se divertissem. — Ella iria depois.

Desgostosas d'uma resposta tão secca, deixaram-n'a e depressa voltaram para o meio da multidão que folgava.

O Antonio Sá tambem reparara no socego da filha, ella que de ordinario tão ladina era, mas como aquillo datava já d'alguns dias sem lhe bulir na saude, attribuia o caso a mal-avença com alguma das amigas e não dava maior importancia ao facto.

— Ora viva a rapaziada! — pronunciou uma voz ali perto.

— Ora viva lá o sôr Morgado! — respondeu um côro de latagões armados de grandes varapaus.

— Isto está animado, está animado!

— Ha muito tempo que se não faz uma rapioca assim, sôr Morgado, — respondeu o José Ignacio.

— Olha, estão ó *verde-gaio*: vou tirar o Jaquim da Patêga. Eh! rapazes, que lá vou eu!

E com um enorme vozeirão:

> Zo mêu amor honte e hoje,
> Dou-te um ai ó verde-gaio,
> Pola porta me passou...
> . . . .

O morgado chegara até junto do Antonio Sá. Fallou-lhe e perguntou-lhe pela filha. Havia já tantos dias que a não via... Já se lembrara de que estivesse...

— E' que tem andado assim a modos exquisita. Não será coisa de cuidado, Deus ha-de querer. Oh Maria, olha o sôr morgadinho que pregunta por ti.

— Ah! está ali? Não a via... Não se incommode, menina.

E dirigiu-se para ella.

A Mariquitas que ha pouco, ao ouvir-lhe a voz corara extraordinariamente, agora tornara se livida. Creio que a Sciencia ainda não soube ou não poude explicar peremptoriamente o porquê d'estas reacções apezar de todas as suas chimicas, physiologias, psychologias e tantas outras formadas do classico *logos*. Levantou-se comtudo e muito embaraçada correspondeu ao attencioso cumprimento do mancebo e apertou a mão que elle lhe estendia amigavelmente.

— Ha muito tempo que não tenho o gosto de vêl-a. Tem estado doente, menina Maria?

— Doente?... Eu não, senhor, felizmente.

— Vejo-a tão pallida e fria...

— Uma dôr de cabeça que desde ha bocado me apoquenta. Este barulho...

— Similhante borborinho e o pó devem fazer-lhe mal, diz bem. Porque não volta para casa? Talvez melhorasse.

— Não, meu pae está tão satisfeito que me custaria muito arrancal-o d'aqui. Sempre a trabalhar que nem um moiro, coitado!... que ao menos se divirta hoje. Isto tambem nao vale nada...

— E' muito boa filha, Mariquinhas. Mas consentisse acompanhal-a-hia eu. Escusava...

(Continúa). *Manuel Neves.*

LUXO CLERICAL

Entre as phantasias dispendiosas do prodigalissimo rei D. João V, conta-se a de ter conseguido do Papa Clemente XI a divisão de Lisboa, para os effeitos ecclesiasticos, em duas cidades e portanto em dois arcebispados patriarchaes, sendo um d'elles instituido na Capella Real, e subsistindo outro na Sé occidental, como então se ficou intitulando.

Foi no dia 3 de dezembro de 1716 que chegou a Lisboa o breve d'essa divisão, que el-rei D. João V havia impetrado de Sua Santidade, e immediatamente enviou carta ao bispo do Porto D. Thomaz de Almeida, da mercê de arcebispo patriarcha da Sé Occidental.

O referido prelado fez a sua entrada solemne em Lisboa, no dia 13 de fevereiro de 1717, realisando-se esse acto com toda a pompa.

Querem agora os leitores saber, segundo o testemunho occular de um contemporaneo, como trajavam os conegos da Sé patriarchal estabelecida na Capella Real?

Eis o que elle diz:

«Andam pellas ruas vestidos de bispos, com loba e rochete roxo, abotoado tudo com botões muito pequenos, uma sobrepeliz muito encrespada e nos hombros com duas ordens de renda e no pescoço muito encrespada.

Em cima d'este trajo bispal trazem estes conegos uma capa encarnada que é de camellão muito fino, a que se chama capa magna, como cardeaes, a qual os cobre todos.

Trazem uns, capellães, e outros uns creados a que chamam caudatarios, e levam sempre os rabos, (caudas) na capella e fóra d'ella. Estes, quando assistem na capella, andam com umas lobas de gorgorão de seda até aos pés, com muita quantidade de botões unidos, e em cima da loba uma casaca até aos pés, de panno ou crepe com canhões de tafetá preto; e assistem estes caudatarios onde assistem as horas canonicas, assentando-se no côro ao pé de cada um dos seus conegos e quando algum se levanta, está prompto o caudatario para lhe arregaçar a capa magna, e quando torna para o côro vem tambem promptamente um capellão que está no côro, arregaçar-lhe a dita capa magna.

Tem obrigação estes conegos, por ordem de S. M., de andar em uma liteira, cada um com o seu capellão, dois liteirros e quatro lacaios, o que fazem seis lacaios, os quatro com suas capas, uns com bandas de veludo carmezim, outros encarnado, outros acamuçado, outros verde e outros côr de ouro. Nas funcções das festas fazem os conegos pontificaes, com mitras na cabeça.

Esta nova Sé ou arcebispado, não tem muitos conegos, mas conegos com preeminencias de bispos, beneficiados e capellães.

Os beneficiados andam vestidos de saeta roxa com uns rabos muito compridos enrolados e atados á cintura; tambem trazem uma sobrepeliz muito encrespada com as mesmas rendas nos hombros e em cima uma murça de crepe preto forrada de tafetá carmezim, com um capello muito largo dobrado sobre cada hombro.

Os capellães andam, e os moços da capella, com as sobrepelizes muito encrespadas, tudo á romana, e com as rendas crespas nos hombros e pescoço.

A estes conegos deu el-rei, de renda, por anno, 5.000 cruzados a cada um; aos beneficiados, 300$000 réis e aos capellães 200$000 réis.

O tratamento que tem os conegos é de illustrissima.

As voltas que trazem os beneficiados, são á romana, mais largas e compridas adiante sobre os cabeções da loba, e detraz mais estreitas. Trazem todos barretes á romana, pequenos e de tres cantos.

Por causa da creação da Sé nova reformou-se toda a Capella Real, porque havendo quatro altares colleteraes, se acrescentaram mais quatro e em cada um se pozeram grades á roda da obra entalhada.

Em cada um se fez obra de entalhado com arcos e columnas douradas, com uma pintura excellente no meio e em cada um seu docel de téla branca ou de outra côr conforme o tempo.

Da sachristia que havia se fez um côro, fazendo-se nova sachristia onde se vestem os beneficiados e capellães; e os conegos teem uma casa, onde foi a livraria de el-rei D. João IV, que serve de cabido e vestiario.

Na capella-mór d'esta nova Sé não se reza se-não nas festas mais solemnes, porque o quotidiano é na sachristia velha, que é o côro actual.

N'esta Capella Real está junto ao altar-mór, da banda do evangelho, uma cadeira feita á romana, coberta e ornada de tellas, com tres degraus por onde se sobe, com um docel de téla ou brocado encarnado, conforme o tempo que é.

E esta mesma cadeira era a em que se sentava ó cardeal, o qual não quiz ser patriarca e só ficou sendo inquisidor geral, não largando tambem a dignidade de capellão-mór, cujo cargo S. M. deu ao patriarca.

Aos conegos que havia na capella, antigamente, foi S. M. aposentando e tirando, a uns com 600$000 réis, 500$000 e 400$000 de aposentadoria e a outros accommodando em igrejas, porque quer que tudo sejam fidalgos, como são já, e filhos segundos de todas as casas de cavalleiros da côrte e hão de ser 24, tudo imitação e arremedo da sagrada congregação dos cardeaes de Roma ou da Igreja Romana».

E pela simples e picaresca narrativa que ahi deixamos, se póde avaliar, como e em que se gastavam os rendimentos da nação, n'aquelles tempos aureos do faustoso monarca portuguez.

Porto. *Manoel M. Rodrigues.*

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXVIII

Um estratagema do Dr. Roque

O Dr. Roque, todos os dias, chamava de parte o Joaquim e o Romulo e perguntava-lhes:

— Vamos lá a ver, o que se fez hoje de bom? Em que alturas vamos? Essa decantada certidão de baptismo já chegou?

— Ainda não.

— Um caso d'estes só o Frederico! Nascer durante uma viagem!

— Mas a culpa não foi d'elle nem da mãe, que Deus haja, a qual, se adivinhasse semelhante coisa, não se teria posto a caminho. Foi tambem uma gracinha da Providencia; e, no fim de contas, talvez por andar mettido n'isto o Dr. Roque...

— D'aqui a nada vem ahi; não pode tardar.

— Vem ahi!... ora muito obrigado, mas eu é que não tenho tempo a perder... Ora verão, verão vocês que não me hão de dar a consolação de ver casada a minha filha;... são capazes de dizer que não tenho apanhado bastantes pechinchas, a gôta, o catarrho, o braço direito léso, a inchação do baço;... dizem, olá se dizem; é como se os estivesse ouvindo!

Ha dias, mandaram-me um accidente, por brin-

cadeira, ámanhã ou no dia immediato mandam-m'o para ahi, a valer... e adeus, Dr. Roque...

— Silencio, não vá a Amalia ouvil-o?...

O doutor, então, dissimulava a colera por de traz de um amavel sorriso.

— Chegou a certidão de baptismo! annunciou o Frederico.

— Já não é sem tempo! — exclamou o doutor; — ora pois, é tratar da voda quanto antes.

— Já, já, não pode ser.

— E porque não? — Quem os ouvir dirá que não teem pressa. — O que é que falta? A certidão do baptismo já nós temos, o nosso consentimento tambem; se vocês se demoram com isso teremos de aggregar-lhe um convite para entêrro.

— Varra essas coisas da ideia... o senhor ha de vivêr cem annos.

— «Varra essas coisas da ideia» — é bom de dizer... «viver cem annos» — diz-se tambem sem custo... mas diz-se uma mentira... Afinal, resumindo, o que é que falta?

— Faltam os pregões.

O Dr. Roque ergueu os olhos para o céo, por força de habito, reconsiderou porém recordando-se que os pregões eram prescripção do codigo e não da Providencia, a qual se contenta com muito menos, que remedio, quando se trata de emparelhar os sexos.

— Ah!.. . não verei já esse dia — murmurava o Dr. Roque em todos os demais.

— E viu-o; madrugou uma manhã, e principiou a percorrer a casa, qual menino curioso, mexendo em tudo, destapando cem caixinhas, medindo na palma da mão uns certos sapatinhos de setim branco, com os quaes a filha do seu coração devia abandonar para sempre o seu quartosinho de donzella. Depois, esteve um pedaço a contemplar a Amalia, vestida de branco. E viu chegar o Frederico, o Romulo e o Joaquim, e por ultimo, o engenheiro, vestido de preto tambem, como se fôra elle o noivo, quando era apenas uma das testemunhas. E o Dr. Roque riu-se. Oh! como elle se riu quando aquelle ratão do engenheiro se approximou, muito serio, seriissimo, da noiva e lhe disse:

— Está então decidida? — Pense bem... olhe que ainda está a tempo: lembre-se que d'aqui a meia hora, ter-me-ha perdido para sempre.

O Romulo, com suas fumaças de lêr melhor do que ninguem o que havia por baixo d'aquella desenvoltura affectada, deu-se pressa em consolar o engenheiro, este, porém, deixou-o maravilhado, dizendo:

— Meu amigo, não tenhas dó de mim; a falar verdade, não perdi coisa nenhuma, conquanto não lograsse encontrar o caminho do seu coração; — sem amôr recipocro não se apanha sncessão perfeita.

Quando porém houve consummado o sacrificio até ao fim, o estouvado engenheiro apeteceu um beijo da noiva, e obteve-o; quiz outro, e obteve-o tambem, porque pagou um e o outro com os vales que arrancára da mão ao Frederico, moribundo.

O Dr. Roque presenciára tudo isto sem gracejar, e assim que impoz a mão paternal sobre a fronte dos esposos, e lhes deitou a benção, em instante de olvido e sem se rir, como se deveras acreditasse em tudo aquillo, teve sufficiente força de animo para acompanhar á estação o novo par, o qual, submettendo-se aos dictames de moda estupida, devia ir dar um passeio pelas cidades todas da Italia.

Depois, murmurou um poucochinho, para occultar a propria commoção, rematou, porém, o dia, declarando que estava contentissimo, e que agora já podia morrer.

Em vão tentaram contradizel-o Romulo e o Joaquim, emquanto se enfiára pela cama, abaixo, como quem se encaixa na propria sepultura; apenas na manhã seguinte, com a luz do nôvo dia, veio o doutor a sentir a força aos argumentos dos seus amigos.

— Cá estou ainda n'este mundo — disse comsigo — e palpita-me que estou para durar, se me deixarem — que, se não deixassem, veriamos! Ah! Eu para mim não o peço, mas sim para os meus filhos; quizera que podessem terminar a sua viagem em socêgo, e abraçal-os ainda uma vez, antes de me safar,... e mais nada. Mas vão lá convencer a...

A quem? A ninguem, dizia, por dizer, o Dr. Roque, e parecia-lhe, talvez, que com isto prolongava a vida. Superstição, sem duvida — não digo o contrario — porém — qual será o philosopho que as não tenha? — A materia é fraca; demasiado o sabem os proprios materialistas.

Realisaram os conjuges a viagem tranquilamente, e regressaram a tempo de cahir nos braços do papá, mais vivo do que nunca.

E a Amalia trazia um segredinho para a mamã, e a Tranquilina contou-o ao marido; este foi logo pespegál-o ao ouvido do Rómulo e do Joaquim, depois do que, ergueu a mão ás escondidas e começou: — «Hão de vêr que ..

D'esta vez porem sobreveio-lhe um escrupulo e conteve-se. O ardil surtira effeito por duas vezes; não fosse elle falhar-lhe á terceira; o melhor era callar-se, retirar-se para o seu cantinho e esconder a propria felicidade.

D'ali em diante já não murmurava da Providencia; andava pela casa sem ruido, lia nos periodicos as ruins partidinhas celestes sem chasquear e soffria as mais atrozes dentadas da gôta, sorrindo.

Sorrindo, o doutor Roque! Como se obedecesse a um pacto tacitamente celebrado com alguem, mostrava-se indifferente a tudo, comtanto que se esquecessem d'um velho meio morto, e lá o iam deixando meio vivo.

Chegou emfim esse tão almejado dia, chegou um Roquesinho pequenino a pedir um beijo e uma lagrima.

— Ah! quanto sou feliz! — confessou o doutor; — receiou, porem, ter dito demais, pois agora que a tinha, que via deante dos olhos a almejada creaturinha, não se sentia com forças de a abandonar.

— Como se parece comtigo! — dizia a pallida mãe sorrindo, na cama.

O proprio Joaquim, por condescender com elle, jurava que era mesmo o retrato do avô; por outro lado, o Romulo não se sentia com força bastante para dizer mentira tão gôrda, se bem que a propria Tranquilina o animásse afirmando, por sua conta, que «a dizer verdade, dava áres.»

E o Romulo, então, murmurava:

— Sim, sim; dá uns áres...

O engenheiro Enéas callava-se; contemplava extatico aquelle indéz que se chamava Roque, e ia separando mentalmente n'aquelle corpito as linhas que não podiam ser obra da Amalia e rectificando-as a seu modo; e então, ante seus olhos, via, vivo e a palrar, outro pequerruxo que se chamava Leão,

— Com quem se parece? — perguntava a mãe com a felicidade estampada nos olhos.

— E respondia, fazendo rir a todos:

— É o meu retrato.

— Que mais podia desejar o doutor Roque? Nada! Visto terem-se realisado os seus sonhos todos, podia morrer, apesar do que nem sequer pensava em tal, temendo suggerir a alguem a ideia. Interrogado, ás furtadellas, o proprio organismo, chegava a convencer-se de que não estava tão deteriorado quanto parecia; o ventriculo fazia o seu officio admiravelmente, a despeito dos estragos do piloro; quanto á engurgitação do baço, nada temia, porque isso até agora ainda não matou ninguem; e a gotta permettia-se, quando muito, fazer-lhe umas cocegasinhas nas plantas dos pés... Se acaso, de tempos a tempos, vem a este mundo algum raro individuo para exemplo de longevidade... porque não havia de ser o doutor Roque quem representasse esse papel? E demais a Providencia devia de estar satisfeitissima por ter feito as pazes com um materialista tão resmungão.

Passou um anno, passaram tres, e o doutor Roque remoçava, assim o afirmavam todos.

Mediante o que, por fim de tempos, o seu mau humor, azedado pelas enfermidades, adoçou, conservando apenas a acidez indispensavel para conter em respeito dois bonecos incorrigiveis. Se, porem, o Joaquim e o Romulo continuaram a ser as suas machinas, em compensação deu com um tiranno de palmo e meio, quando muito, que o tractava á marreta.

— Amanhã — dizia o Roque menór ao seu formidavel homónymo — ámanhã has-de-me comprar um cavallinho.

— Pois sim — compro-te um cavallinho.

— E um trem.

— E mais um trem.

— E um velocipede.

— Compra-se o velocipede.

— E muitos bolos.

— E bolos tambem... Mas, hasde me dar um beijo...

— Não quéro... tu foste máu; — hei de o dar mas hade ser ao meu Joaquim que é muito mais bom do que tu.

O Joaquim esfregava as mãos.

Porem o embeiçado avô fingia que chorava e o tyrannete enternecido corria a estampar-lhe nas faces uma duzia de beijos.

O tempo voava, entregues os nossos amigos áquella vida simples, toda amor e laboriosidade.

O Frederico quiz ficar vivendo ao pé do lagô; aquella celébre fumigação frustrada dava-lhe ainda que pensar; o cultivo do jardim e a pedra polida tomavam-lhe o melhor do tempo que não consagrava ao amor da Amalia ou ao do filho. Corôavam aquelle ninho de suprêma ventura, ao qual assomavam, tremulas de ternura, uma cabeça calva e tres cabeças encanecidas, de velhos, porque, ai! a Tranquilina, por fim, tambem encanecêra: e um bello dia o Joaquim cansou-se de se vêr pintado de verde ou tincto pela virtude secreta e difficil das mais famosas tincturas, atirou á rua os pinceis, e decidiu-se a exhibir a publico as suas intactas cãs, que eram, como bem deveis suppôr, umas cãs de neve e de prata, umas cãs bellas como outras não havia, umas cãs magnificas, em fim.

(Continúa.) *Pin-Sél.*

NECROLOGIA

JOÃO FRANCISCO CAMACHO

Fomos surpreendidos no dia 8 do corrente pela noticia da morte d'este distincto artista, muito conhecido e apreciado em Lisboa, e especialmente na alta sociedade, que frequentava o seu *atelier* de photographia, da Rua Nova do Almada.

João Francisco Camacho era um artista de raça. Ninguem melhor do que elle sabia vêr e escolher ponto de vista para photographar um monumento, uma paisagem, uma figura com arte e fino gosto.

Camacho nasceu na ilha da Madeira, por 1833 e ali cultivou largamente a arte de Daguerre, quando ella principiou a ser conhecida em Portugal, e cultivou-a com tanta intelligencia e aproveitamento, que bem lhe podemos chamar o primeiro photographo portuguez.

Viajou pela America e pelas principaes cidades da Europa, onde estudou a photographia, conhecendo todos os progressos que até então ella tinha feito. Por 1879 veio estabelecer *atelier* photographico em Lisboa, no grande palacio, denominado do Manuel dos Contos, ao fundo do Chiado, occupando uma parte do lado norte d'este palacio.

Camacho vinha precedido da fama dos seus trabalhos e conquistou logo para o seu *atelier* a élite da sociedade Lisbonense. Mas não era só o artista apreciavel, mas tambem o homem de fina educação, e prefeito cavalheiro que captivava pelo seu trato quantos se lhe approximavam.

Em 1880 um incendio devorou a parte do palacio onde Camacho tinha o seu *atelier*, o que fez com que elle o mudasse para o lado norte do mesmo palacio, onde o fogo não chegára.

Era socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, á qual preston relevantes serviços, e a sua morte foi verdadeiramente sentida, porque importou a perda de um distinctissimo artista e um primoroso cavalheiro.

Recebemos e agradecemos:

Guia Historico *do viajante no Bussaco com estampas e um mappa, por Augusto Mendes Simões de Castro, terceira edição muito augmentada — Coimbra. Imprensa da Universidade, MDCCCXCVIII.*

Este encantador livro constitue um vol. em 8.º grande, de cerca de 300 pag., tendo os seguintes capitulos cuja enumeração, embora longa, dá perfeita ideia do interesse do livro.

Introducção — Fundação do deserto do Bussaco — Varias Portas da matta (portas: de Luso, das Ameias, das Lapas, da Cruz Alta, do Telegrapho, de Sulla, da Rainha, do Serpa) — Portaria da matta — A Floresta — As Modernas Plantações — Avenida do Mosteiro — O Mosteiro — As Pinturas do Claustro — A Egreja — Os Annexos do Convento — A Cascata e o Valle dos Abetos — As Ermidas de habitação (ermidas: de Santa Theresa, de Santo Elias, de Nossa Senhora da Conceição, de S. Miguel, de S. José, do Sepulchro, de S. João, de Nossa Senhora da Expectação, de Nossa Senhora da Assumpção, do Sacramento) — Os Cedros — Capella dos Passos — Ermida do Calvario — Gruta do Negro, Etymologias do Bussaco — A Cruz Alta — A Fonte Fria e outras fontes da matta (fontes: de Santa Thereza, de Santo Elias, de S. Silvestre, do Carregal, da Samarita-

na) — Bemfeitores (D. João Manuel, bispo de Coimbra; Manuel de Saldanha, convento do Bussaco, o qual foi testemunha de tudo — O botanico Linck e' o Bussaco — As Pegas e o silencio — Noticia da Batalha do Bussaco enviada por Junot á duqueza de Abrantes, sua esposa — Noticias e reflexões ácerca da Batalha do Bussaco escriptas pela Duqueza de Abrantes — Retirada do exercito francez depois da batalha do Bussaco — Violação da clausura do Bussaco por mulheres — A Batalha do Bussaco avaliada pelo historiador francez Bouchot — Surriada a Massena — O Ermo, descripção mimosa do Bussaco por Antonio Feliciano de Castilho — Itinerario do Bussaco.

Bem se avalia, pois, como a penna erudita e brilhante do sr. Simões de Castro desenvolveu todos estes capitulos.

O *Guia Historico do Viajante no Bussaco* vende-se por 700 réis, enviando-se franco de porte a quem mandar esta quantia, a Antonio Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz, n.º 12, loja das flôres — Coimbra.

O Descobrimento das Filippinas *pelo navegador portuguez Fernão de Magalhães — por Caetano Alberto — Lisboa — Empreza do Occidente — 1898.*

Mais um interessante trabalho dos publicados originariamente no nosso periodico acaba de ser reduzido a volume. Dando esta noticia aos nossos leitores, desnecessario é fallar-lhes detidamente do novo livro, porque bem o conhecem, pois ainda ha muito pouco se terminou aqui a sua publicação com geral agrado.

Livro eminentemente patriotico, de linguagem clara, simples e persuasiva, o *Descobrimento das Filippinas* é de molde a offerecer uma sã e instructiva leitura, que não poderemos deixar de aconselhar, especialmente á mocidade, que n'elle tem muito que aprender e admirar. Vae n'essa leitura um preito de homenagem ao grande navegador portuguez, cuja viagem memoranda será em todos os seculos exemplo tanto de arrojo como de saber, porque os portuguezes nem sempre foram apenas, como se diz, aventureiros audazes.

Evitamos render aqui justas palavras de louvor a Caetano Alberto, pelo seu novo trabalho, porque a sua qualidade de nosso director artistico e proprietario as poderia adulterar, e porque a sua honesta modestia se melindraria decerto com taes expressões, mas não terminaremos esta noticia sem agradecer penhorados, em seu nome, as boas palavras com que a imprensa do paiz se tem referido ao novo livro.

O primogenito dos mortos, — *por M. Santos Lourenço, (sub-diacono) — Lisboa — 1898.*

Com este titulo publicou o rev. M. Santos Lourenço o seu sermão da Resurreição, proferido no magestoso templo do seminario patriarchal em Santarem, a 10 de abril do corrente anno.

E' uma oração elegante, tomando do Apocalypse o thema *Gratia vobis et pax... a Jesu Christo, qui est testis fidelis, «primogenitus mortuorum», et princeps regum terræ* .. e bem escolhido foi tal assumpto, porque nenhum mais grato decerto do que apregoar á christandade a resurreição do Redemptor.

O presente sermão, áparte as digressões psychicas que não achamos do melhor gosto, é uma oração muitissimo apreciavel e demonstrativa de um espirito assaz illustrado.

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria — Volume XLV. N.os VIII, IX e X — Coimbra — Imprensa da Universidade.*

Os numeros presentes da antiga revista conimbricense respeitam aos mezes de agosto, setembro e outubro de 1898. Inserem a continuação de muitos dos artigos já citados n'outros summarios, taes como: *Memorias de Castilho — Viagens da India a Portugal, por terra, e vice-versa — Analyse chimica das aguas de Coimbra*, etc., bem como outros de menor extensão mas egualmente apreciaveis.

Relatorio *e contas da gerencia do Gremio Serpa Pinto — Porto.* — 1898.

Este relatorio comprehende o periodo de 1 de Janeiro de 1897 a 30 de junho de 1898 e foi apresentado á Assembléa Geral de 14 de Agosto de 1898 e expõe muito claramente o estado do gremio, sendo subscripto pelo secretario sr. F. de Sá Ferreira Guimarães.

O Euterpe — *orgão social — Belem — Pará. — 16 de Setembro de 1898 — Anno I. — N.º 3.*

Esta nova revista paraense, de que é proprietario o Club Euterpe, n'aquelle estado, e redactor o sr. Rodrigues do Valle apresenta-se muitissimo bem, publicando no presente numero uma inspirada allegoria ao passamento do maestro Carlos Gomes, inspirada composição de O. Kunz.

Melopeias indianas — *por J. F. de P. Soares. — Typographia «Rangel» — Bastorá 1898.*

É ainda uma publicação commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, e subsidiada pela commissão provincial, na India, do mesmo centenario, o volume que temos presente, o qual, além do *Parecer* do sr. F. Leal, ácerca d'este trabalho, e da dedicatoria do auctor áquelle illustre poeta, contem uma lindissima collecção de poesias indianas, dividida em duas partes, sendo a primeira a que consta das seguintes composições:

A' sombra das palmeiras: — Tchátâc — O vicio fatal — A voz da natureza — Até nunca! — O Diabo femea — O fantasma de Narola — O joven sardessae — No inferno.

A segunda parte, menos importante mas tão apreciavel como a primeira, intitula-se: *Dispersas* e contem as poesias: — A engeitada — Old memory — Gloria tibi — Um conselho, pedido — Aos martyres de Cuncolim — Tua sina — O ultimo recurso — Alvorada — Se fôsses! — Salve.

Se não nos escasseasse o espaço, reproduziriamos, como de apreço, fazendo-as nossas, as lisongeiras palavras que a este trabalho dispensou no parecer alludido o sr. Fernando Leal, e que são muitissimo justas.

JOÃO FRANCISCO CAMACHO

FALLECIDO EM 7 DO CORRENTE

Gazeta dos caminhos de ferro. — *Redacção — Rua Nova da Trindade 48 — Lisboa. — 1 de Outubro de 1898. — N.º 19 do XI anno.* (259).

O numero acima d'esta conceituada publicação, proficientemente dirigida pelo nosso amigo L. de Mendonça e Costa, entre outros assumptos de interesse especial, occupa-se dos seguintes:

Congresso internacional da imprensa, Operarios de caminhos de ferro, Tarifas de transporte, Legislação extrangeira, Exposição de 1900, Caminho de ferro de Benguella ao planalto de Caconda, Vias ferreas segundo o territorio e população, Portarias officiaes, Notas de viagem, Finanças, Arrematações, etc. etc.

O jornal dos Romances. — *N.º 78. — Porto. — Outubro de 1898.*

Temos recebido com toda a regularidade este interessante periodico, que mediante uma diminutissima quantia fornece larga e boa leitura. Assim, os n.os presentes inserem o final do *Romance d'um soldado*, a continuação das novellas *Joaninha, a costureira, Cavalleiros da Rosa Vermelha* e *Soldado carreta*, assim como do estudo sobre *A doutrina e as praticas do espiritismo*, além d'um engraçado conto *O Rapto*.

Este jornal encontra-se á venda em todas as livrarias e kiosques e na séde da Empreza do *Jornal dos Romances*, rua de D. Pedro, 178. — Porto, aonde se podem dirigir todos os pedidos.

Annuario da Escola do Exercito — *Anno lectivo de 1897-1898. Imprensa Nacional — 1898.*

Por occasião do apparecimento do primeiro annuario d'este estabelecimento de ensino, tivemos ensejo de notar a sua importancia e frisar a lacuna que veiu preencher.

Agora, que a sua publicação parece assegurada, mais uma vez nos congratulamos pelo apparecimento do utilissimo annuario.

Catalonia — *Revista semimensual — Barcelona — 1898.*

Pela primeira vez tivemos o prazer de receber esta interessante revista catalã, que se publica na laboriosa cidade de Barcelona, onde as artes graphicas e as lettras tão esmerado cultivo recebem, que bem justificada é a preeminencia que ahi gozam.

Aos encantos do mysterioso dialecto catalão, que offerecem á linguagem um sabor muito especial, junta-se uma variedade de assumptos, todos litterarios, que pela sua selecção muito distinguem a nova revista que ora alcança o seu numero 16.

Eis o summario:

«Aproposit de «Pelleas i Melisanda». Per Jaume Brossa Roger. — Primavera eterna. Per E. Guanyabéns. — El pati blau. Per Santiago Rusiñol. — Colomb a les Indies. Per Gabriel Alomar — Els primers freds. Fragment. Per Ignasi Iglesias. — Cercant el comte l'Arnau. Per Joan Maragall. — Bibliografia. Per J. M. T. — Revista de revistes. Per J. P. J — El pati blau. Dibuixos de R. Pitchot.»

Industria e Commercio — *Revista quinzenal, illustrada, litteraria, scientifica e theatral — Lisboa 1 de agosto de 1898.*

Não passou, ao que nos parece, do segundo numero esta nova revista industrial, e com pezar o dizemos, porque é sempre lamentavel vêr desapparecer uma publicação technica ou especial, n'um paiz onde ellas não abundam, ou antes, onde não existem publicações industriaes.